

## Entre a Razão e o Senso Comum: uma análise do espaço configurado por usuários.



Por: Sérgio Sudsilowsky  
Mestre em Design (PUC-Rio)  
Professor do Bacharelado em Design de Moda da Faculdade  
Senai-Cetiqt

### Introdução

Elaborado dentro de um programa muito bem definido, o projeto na Arquitetura Moderna tinha como uma de suas premissas não só edificar, mas também organizar móveis e objetos nos espaços, pretendendo “ensinar como morar”, ou seja, doutrinar os usuários sobre a “forma correta” de utilizar a “máquina de morar”. O Conjunto Residencial Marquês de São Vicente, prédio situado na Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro, foi pensado pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy dessa forma, e construído com a certeza pioneira de que atenderia a esse programa, a certeza dos idealistas.

Partindo de tal constatação, efetuamos uma série de visitas aos apartamentos e entrevistas com os moradores deste prédio, com objetivo de proceder a uma análise morfológica das configurações espaciais encontradas, feitas pelos próprios usuários (sem o auxílio de projetistas – arquitetos, designers ou decoradores), a fim de “interpretamos” os *discursos do “senso comum”* para, em seguida, relacioná-los com o projeto original, o *“discurso da racionalidade”*. Ou seja, procuramos conhecer “o outro lado da história”, i. e., saber como os *outros* – nesse caso os moradores – construíram esse espaço no seu imaginário.

### Século XX: eis a *Modernidade*

O século XX chega com a instauração definitiva da *Modernidade*, que traz para as discussões acerca da estruturação das cidades uma nova visão, ainda que já tenha sido formulada no século anterior: o discurso higienista, que via no saneamento urbano a solução para os principais problemas advindos da industrialização.

Desde a Europa, os Estados Unidos da América e alcançando o restante do mundo, o movimento de reforma urbana não ocorre

## introdução

## século XX: *Modernidade*

isoladamente, estando intimamente vinculado a projeto grandioso de reforma social, o *Projeto do Moderno*, que ganha vulto nos dois continentes a partir do período entre-guerras, gerando o “Estilo Internacional”, ou seja, a Arquitetura Moderna.

A implantação do Projeto Moderno, com seus ideais de ordenação do espaço urbano, com a finalidade de “organizar” a sociedade como um todo, pretendia ser a solução “definitiva” para os problemas advindos da Revolução Industrial.

No Brasil, o urbanismo segue os mesmos ditames, graças à nossa tradição em importar modelos formulados nos países centrais, sobretudo França, Inglaterra e Estados Unidos.

Assim, acontecem algumas intervenções no tecido urbano, como decorrência da necessidade de se adequar ao que era ditado pelos países formadores de tendências. Porém, as primeiras intervenções na cidade restringem-se a áreas isoladas, não afetando muito (positiva ou negativamente) a vida dos sujeitos que habitavam-na.

Posteriormente, diversas modificações urbanas foram sendo realizadas na Capital Federal do Brasil, cujo ápice encontramos na grande reforma de Pereira Passos (de 1904 a 1909), cuja principal intervenção, a Avenida Central, assumiu o caráter de ícone da modernidade brasileira. Assim, podemos concluir que nas primeiras décadas do século XX a cidade do Rio de Janeiro apresentou-se como o espaço por excelência de representação da modernidade, de forma bastante semelhante como acontecera anteriormente em Paris, a “capital do século XIX”.

Nesse contexto, o Rio de Janeiro assumiu posição central na nação, e não só pelo seu estatuto de capitalidade; com as intervenções urbanas e a conseqüente modernização da cidade, ela passa a apresentar-se “maior” que o Brasil, uma vez que torna-se o paradigma representativo da própria *Nação*, enquanto o país assume o caráter simbólico de *Estado*. A centralidade do Rio de Janeiro possibilitou, portanto, a fomentação do ideal moderno, já que a cidade agregava a maioria intelectual então presente no país, graças ao seu caráter cosmopolita.

A Arquitetura Moderna instalou-se no Brasil de forma definitiva somente a partir dos anos 1930,

alcançando relevância após a Segunda Guerra Mundial. O espaço na Arquitetura Moderna tinha como premissa básica projetar não só os seus prédios, mas também organizar os móveis e objetos que configuravam esse espaço

Algumas questões aparecem de forma relevante, partindo dessa breve linha histórica: teria a Arquitetura Moderna sido tola o suficiente para deixar de lado as subjetividades daqueles que ocupavam os seus espaços? O “sentido pedagógico”, que pretendia educar o gosto de toda a sociedade, não levou em conta que essa mesma sociedade era composta por indivíduos, cada um com suas histórias, culturas, gostos e personalidades? Em relação à configuração espacial, não levariam em conta as mudanças que o indivíduo sofre ao longo da vida (casamento, filhos, falecimentos etc.)? Ou a Arquitetura Moderna pretendia “determinar” também o tamanho das famílias, já que muitas unidades (como as estudadas na dissertação de mestrado que deu origem a este artigo<sup>1</sup>) eram pensadas para pessoas solteiras, viúvas ou casais sem filhos?

## Estrutura do Nosso Trabalho

O levantamento bibliográfico feito sobre a produção arquitetônica modernista brasileira foi o ponto de partida teórico para a nossa dissertação.

Identificamos algumas lacunas existentes acerca da Arquitetura Moderna brasileira na maioria das obras analisadas, aproveitando delas para dotar de maior importância a execução do nosso estudo.

Assim, decidimos realizar uma pesquisa em profundidade, que percorresse caminhos diversos - desde o confronto entre os teóricos adotados, sobretudo os críticos de arquitetura até a realização de entrevistas com os moradores de um espaço "modernista" para, concluindo o nosso trabalho, estabelecermos um panorama daquilo que pode ser chamado de *discurso da razão*, bem como a sua contraparte, o *discurso do senso comum*.

## estrutura

---

<sup>1</sup> SUDSILOWSKY, Sérgio. *Entre a Razão e o Senso Comum: uma análise morfológica do espaço da Arquitetura Moderna através do discurso de quem a habita*. Rio de Janeiro: Dissertação apresentada ao Mestrado em Design do Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, defendida em março de 2003.

Ou seja, partindo de uma realidade específica, atual, e aparentemente simplória – como um quarto de criança ou sala de estar – procuramos estabelecer relações, ou pelo menos questionar – ao longo da nossa pesquisa acadêmica, situações como o por quê de escolhermos determinados objetos, ou como as nossas relações com os objetos são consolidadas e ainda, como esses objetos (ou sistemas de objetos, como propõe Baudrillard<sup>2</sup>) passam a fazer parte da cultura material.

## A Nossa Escolha

O Conjunto Residencial Marquês de São Vicente é um enorme prédio em forma de “S” fincado na encosta de um morro da Gávea, bairro residencial da Zona Sul do Rio de Janeiro. Conhecido também como “Minhocão da Gávea”, por sua forma serpenteante, o Minhocão tem como origem outra obra do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, o “Pedregulho”, conjunto habitacional que, por sua ênfase no social e seu pioneirismo, recebeu diversos prêmios<sup>3</sup> – tanto nacionais, como internacionais – e elogios dos mais importantes arquitetos e urbanistas do mundo. Soma-se a isso a sua inscrição no panteão das maiores obras da Arquitetura Moderna já construídas, desde que recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade – título que está ameaçado, devido ao péssimo estado de conservação em que se encontra o conjunto arquitetônico.

O interesse em realizar um estudo a partir de um prédio de tão conceituado arquiteto é facilmente justificável. Apesar de ser conhecido internacionalmente e de ter sido figura fundamental na implantação do Projeto Moderno no Brasil (juntamente com Lúcio Costa e Oscar Niemeyer), poucas são as publicações editoriais existentes aqui sobre sua vida e obra.

Foram publicadas apenas duas biografias, que fazem uma retrospectiva de sua vida e obra<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1997 - 3<sup>a</sup>. ed.

<sup>3</sup> O Pedregulho recebeu o primeiro lugar na I Bienal de São Paulo, em 1955.

<sup>4</sup> BONDUKI, Nabil. PORTINHO, Carmen. *Affonso Eduardo Reidy*. Lisboa: Editorial Blau; São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1999. e REIDY, Affonso Eduardo. *Projeto e pesquisas Solar GrandJean de Montigny – Centro Cultural da PUC-Rio*. Rio de Janeiro: Editora Index Promoções Culturais, 1985.

## a nossa escolha



O Conjunto Residencial Marquês de São Vicente – Minhocão (ao fundo, PUC-Rio). 2001.

além de um ou outro trabalho acadêmico, geralmente genéricos, citando-o ou às suas obras por tratarem do assunto mais geral em que elas enfocam, Arquitetura Moderna no Brasil ou Rio de Janeiro. Sobre o conjunto de sua obra, existem algumas publicações centradas em projetos específicos – destacando-se o Museu de Arte Moderna e o Pedregulho, sendo a maior parte delas coletâneas de textos publicados pela Revista Municipal de Engenharia e Arquitetura<sup>5</sup>, e outros, publicados em jornais da época em que tais obras eram construídas. A maioria resume-se a simples transcrição dos memoriais descritivos, escritos pelo próprio arquiteto.

Sobre o Conjunto Residencial Marquês de São Vicente, ou simplesmente “Minhocão”, não existe publicação específica. Na verdade, até mesmo sua documentação é praticamente inexistente, restrita apenas a duas matérias publicadas na Revista de Municipal de Engenharia e Arquitetura. O primeiro artigo, escrito pelo próprio Affonso Eduardo Reidy, no período inicial da construção do prédio (1954), descreve o projeto e mostra as soluções encontradas, documentando a primeira fase da construção do conjunto habitacional<sup>6</sup>. O outro, escrito pouco tempo após, é praticamente uma reedição do primeiro, não trazendo novidades<sup>7</sup>.

O Minhocão também é pouco citado (e isso quando é citado) nas publicações referentes à Arquitetura Moderna no Brasil. Aparece nas duas retrospectivas / biografias do arquiteto, no catálogo da exposição “Quando o Brasil era Moderno”, acontecida entre dezembro de 2000 e fevereiro de 2001, no Paço Imperial do Rio de Janeiro, e nas duas biografias da engenheira Carmen Velasco Portinho (companheira por quase trinta anos do arquiteto Reidy); Merece destaque uma retrospectiva sobre o arquiteto, que aconteceu até julho de 2003

---

<sup>5</sup> *Revista Municipal de Engenharia e Arquitetura Rio de Janeiro*: Secretaria de Viação e Obras Públicas do Distrito Federal, editada desde 1932. Ao longo desse período de tempo, a Revista recebeu diversos nomes, porém conservando seu caráter técnico e de divulgação da Arquitetura Moderna.

<sup>6</sup> REIDY, Affonso Eduardo. *Conjunto Residencial Marquês de São Vicente*. In *Revista Municipal de Engenharia e Arquitetura Rio de Janeiro*: Secretaria de Viação e Obras Públicas do Distrito Federal, janeiro-março de 1954. Pág.: 2 a 10.

<sup>7</sup> *Conjunto Residencial Marquês de São Vicente*. In *Revista Municipal de Engenharia e Arquitetura Rio de Janeiro*: Secretaria de Viação e Obras Públicas do Distrito Federal, outubro de 1955. Pág. 8 a 13.

no Museu de arte Moderna do Rio de Janeiro, que promoveu um momento de resgate da sua vida e obra, principalmente por ter acontecido em um prédio projetado por ele; porém, tais citações restringem-se, em todos os casos, a algumas poucas páginas, geralmente como uma conseqüência da construção do Pedregulho. Além disso, quando esses livros enfocam o Minhocão, o fazem de forma superficial e, na maioria absoluta dos casos – salvo pela biografia Carmen Portinho, escrita por Ana Luiza Nobre<sup>8</sup> – resume-se a transcrever o artigo já citado, escrito por Reidy.

Assim, a dificuldade de acesso à documentação e a ausência de um estudo aprofundado do Minhocão, obra mais que expressiva de tão fascinante arquiteto, foi um dos principais motivos para iniciarmos o nosso estudo; hoje, percorridos quase 50 anos do projeto do Minhocão, acreditamos ter chegado o momento para que estudos mais densos fossem realizados nessa obra paradigmática da arquitetura brasileira, sobretudo estudos antropológicos, arquitetônicos e sociais. Ou seja, observamos que a história desse edifício precisava ser recuperada, desde sua idealização até os dias atuais, passando pela ocupação do espaço arquitetônico e as relações estabelecidas entre os indivíduos e esse espaço - ontem e hoje. I. e., acreditamos que já era tempo de saber o que havia acontecido - e ainda estava acontecendo - por lá.

### **Procedimentos Metodológicos**

Partindo desses pressupostos, resolvemos realizar uma série de visitas aos apartamentos e entrevistas com os moradores do prédio, com objetivo de proceder uma análise morfológica das configurações espaciais feitas por esses mesmos usuários, a fim de relacioná-las com as sugestões de configuração morfológica feitas originalmente pelo arquiteto. E mais: queríamos conhecer “o outro lado da história”, ou seja, saber como os outros – nesse caso os moradores – configuraram esse mesmo espaço nos seus imaginários.

Proceder a delimitação muito bem afinada do campo de estudo mostrou-se como fator primordial para o início dos nossos trabalhos.

## **procedimentos metodológicos**

---

<sup>8</sup> NOBRE, Ana Luiza. *Carmen Portinho: o moderno em construção*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1999.

Conduzir as entrevistas de maneira bastante informal foi imprescindível, já que nossa busca era por respostas o mais natural e espontâneas possíveis, possibilitando-nos percorrer todos os pontos de interesse para a nossa pesquisa.

Dessa forma, as entrevistas realizadas tinham como tarefa mapear o imaginário dessas pessoas sobre o espaço em que vivem, descobrindo quais as suas motivações, como foram feitas as suas escolhas, o porquê de cada “canto” e cada configuração, dentro do espaço maior da “casa”.

As visitas ao prédio ocorreram entre outubro de 2001 e janeiro de 2002. Isto posto, foram minuciosamente analisados, em uma pesquisa qualitativa, 40 casos, isto é, entrevistamos os usuários de 40 apartamentos, para que pudéssemos “construir” o *discurso do senso comum*, ou seja, entender os “comos” e os “porquês” das interações entre os usuários e seus espaços, sobretudo quando esse espaço já veio permeado por um discurso anterior, o *discurso da racionalidade*.

Mulheres foram as principais entrevistadas (71%), tendo entre 25 e 35 anos de idade e 2º grau (42%); a grande maioria é estudante ou dona-de-casa, estando em casa geralmente à noite (o que aparece como um primeiro contra-senso, já que as entrevistas aconteciam à tarde).

## O Campo Estudado

Saber o "outro lado da moeda" tornou-se uma prerrogativa para o nosso estudo, o objetivo primordial para o desenvolvimento de nossa dissertação.

O fato de encontrarmos vasta bibliografia, composta pelos mais variados tipos de documentos relacionados à Arquitetura Moderna prendeu a nossa atenção principalmente a partir do momento em que começamos a identificar recorrências no discurso teórico, sobretudo a recorrência do ponto de vista eleito para se enunciar tais discursos: o *oficial*, escrito pelos próprios formuladores do discurso racionalista.

Ora, se até mesmo os críticos de arquitetura que assumem posição contrária à modernidade arquitetônica repetem o discurso oficial, dizendo sempre as velhas frases como "menos é mais", "ornamento é crime" ou "*form follows function*" -

## O campo estudado

inclusive deturpando-as, como fez Peter Blake, no seu livro "*Form follows fiasco*" -, já estava na hora de buscar um outro olhar sobre a produção arquitetônica moderna, aquele olhar que na maioria quase que absoluta das vezes fica completamente esquecido: o olhar do usuário, da pessoa comum que habita esse espaço. E foi o que pretendemos fazer.

Assim, partindo da pesquisa apresentada e da análise dos dados obtidos, descobrimos situações inusitadas, diversas características próprias ao grupo de usuários que nos foi apresentado, bem como particularidades antes desconhecidas pela nossa prática, principalmente quando esta se fundamenta nos mesmos mitos modernistas que norteou o olhar dos teóricos e críticos acima citados, já que o pesquisador é um designer com formação em uma escola de princípios modernistas, um "filhote" da ESDI, "sucursal" brasileira do funcionalismo da Escola de Ulm, a *Hochschule für Gestaltung*.

As dificuldades do campo logo tornaram-se prazerosas; travar contato como discurso do senso comum demonstrou ser extremamente gratificante, sobretudo por atuar de forma definitiva na nossa prática profissional.

## Algumas observações acerca da análise dos dados coletados – resultados da pesquisa de campo

### A singularidade Feminina na Configuração Espacial

Observamos desde os primeiros relatos que os usuários separavam claramente as ações de **arrumar** um espaço – geralmente relacionada à ação de configurar, seja com móveis ou objetos, os espaços, compondo *ambientes* – da ação de **dividir** o espaço – relacionada à ação de alterar fisicamente a estrutura do apartamento, principalmente com a construção de paredes e/ou divisórias.

Em relação a tais ações, arrumar aparece geralmente como uma função *feminina*, já que na maioria dos casos as mulheres configuraram os ambientes, ou seja, **atribuíram** funções ao espaço, enquanto dividir está mais associado ao fazer *masculino*: na quase totalidade de residências,



Sugestão de configuração – projeto original de Affonso Eduardo Reidy (1949).

## resultados alcançados



foram os homens – o próprio entrevistado, ou maridos, filhos, irmãos etc. que construíram as divisões físicas (ou moveram os móveis) dos apartamentos, independente de atribuírem funções a esses espaços.

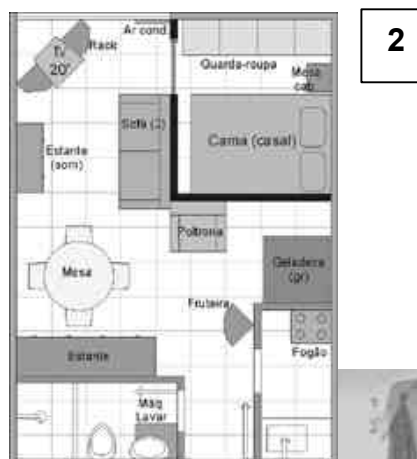
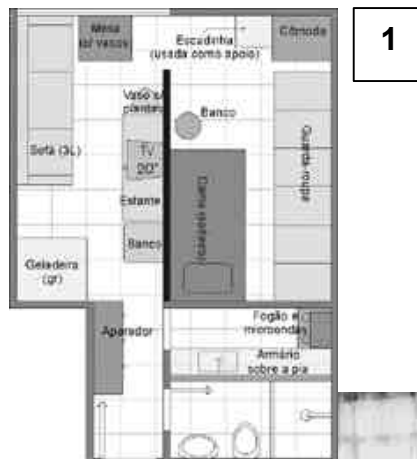
Ao longo da nossa visitação ao campo, sobretudo a partir da constatação acima, uma questão foi se delineando: existiria “*singularidade biológica*” feminina para configurar espaços (sobretudo confortáveis)? E, se existir, seria algo primordial, ou seja, os condicionamentos que são impostos aos gêneros antecederiam a subjetividade? Ou estariam tão arraigadas nos indivíduos, a ponto de influenciar na construção do imaginário?

Enfim, basta que vejamos a participação feminina para entendermos um pouco quais os motivos que fazem com que o “arrumar” se apresente tão distante do “dividir”, nos apartamentos visitados. Ou seja, é como se as mulheres fossem responsáveis por atribuir funções/valores aos espaços, restando aos homens a posição de meros executores de tais atribuições. – principalmente porque as mulheres tradicionalmente são as responsáveis pela manutenção do “bom gosto”. Concluindo com Baudrillard<sup>9</sup>, ao falar sobre o “homem do arranjo” (homem aqui é um substantivo genérico),

“Dispõe do espaço como de uma estrutura de repartição e através do controle deste espaço detém todas as possibilidades de relações recíprocas e portanto a totalidade dos papéis que os objetos podem assumir.” (op cit: p. 32)

**Conforto**

O bem-estar doméstico é uma questão da família e do indivíduo. Por isso as casas visitadas não se mostraram da forma projetada pelos modernos; em nenhuma das residências encontramos a racionalidade das “máquinas de morar”. Nos apartamentos, a preocupação demonstrada pela busca da privacidade e do acolhimento apareceu, antes de tudo, na busca pelo conforto doméstico.



1. “arrumação” feminina“ Versus
2. “arrumação” masculina

<sup>9</sup> BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1997 - 3<sup>a</sup>. ed.

Voltando-nos para o percurso histórico, antigamente a palavra **confortável** significava *fortalecer, consolar* (submissão, indulgência), e não o que significa hoje: mais associado ao *prazer* e à *satisfação*. A idéia de *conforto*, associado à intimidade (e não ao consolo) surge quando a casa deixa de ser meramente abrigo – proteção contra a natureza, contra o invasor – e torna-se ambiente para uma nova e compacta unidade social: a família. Junto com a família veio o isolamento (privacidade) e a domesticidade, abrindo o caminho para o conforto.

Desde o seu surgimento, o conforto era visto como algo cultural, apenas secundariamente físico – assim o é também hoje. Com a evolução da casa, das mentalidades, dos conceitos e do próprio pensamento científico, o conforto humano passou a ser, segundo Witold Rybczynski “quantificado” como a soma de alguns fatores, tais como “temperatura, umidade relativa do ar, circulação do ar, ionização, concentração de poeira e concentração de gás carbônico, além dos odores”<sup>10</sup>. O conforto mudou, ao longo do tempo, não só qualitativamente, como quantitativamente – tornou-se produto de massa, devido à industrialização e a produção em série. Porém, o conforto é uma invenção humana, um artifício cultural.

O conceito de conforto/confortável possui um desenvolvimento histórico e não pode ser compreendido isoladamente; inclui também a *conveniência*, a *eficiência*, a *domesticidade*, o *bem-estar físico* e a *privacidade* (a *intimidade*). Por ser uma noção, o conforto variou ao longo do tempo, assumindo uma ou outra característica mais específica. O fato é que uma noção não anulou a outra, somando significados, como se fossem camadas – às vezes sobrepostas. Outras vezes, justapostas.

---

<sup>10</sup> RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: Pequena história de uma idéia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

## Atribuição X Apropriação

### A pós-modernidade: a "*modernidade líquida*" e o tempo "*software*"<sup>11</sup>

O "tempo" da nossa análise é aquele chamado por Baumann de "tempo software"; no universo do *software*, das viagens à velocidade do som – em breve, também à velocidade da luz -, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em "tempo nenhum". Cancela-se a diferença entre *longe* e *aqui*: o espaço não mais se impõe, não exerce limites à ação.

Com isso os espaços perdem significado e valor: se tempo nenhum precisa ser perdido ou superado para chegar a qualquer lugar, e qualquer lugar pode ser atingido simultaneamente (a "velocidade de um clique de *mouse*"), para que valorizar o espaço. Mais ainda, se o espaço pode ser atingido por diversas outras formas (não só as físicas, já que uma *webcam* me permite acessar qualquer lugar no mundo simultaneamente, bastando apenas que uma câmera esteja a ele conectada), não há, portanto, urgência alguma em visitá-los.

Assim sendo, não há razão para atingi-los em determinado momento da vida, muito menos existe razão para garantir acesso a qualquer espaço, caso ele sofra ameaça de interdição. O tempo instantâneo é um tempo sem substância, sem consequência e sem interesse, composto apenas de momentos.

A duração deixa de ser um recurso para tornar-se um risco: "corpo esguio e adequado ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares (...) pertences portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade."<sup>12</sup> Peso, literal ou metafórico, é um dos perigos que devemos manter a distância, se quisermos ser instantâneos.

É a partir dessa contextualização teórica e fazendo um contraponto com outro autor, que pudemos reconhecer mais um elemento que serve de suporte para a nossa análise dos dados.

---

<sup>11</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

<sup>12</sup> Idem, pp. 149

Rafael Cardoso Denis<sup>13</sup> afirma que existem dois mecanismos básicos segundo os quais os objetos – e por extensão os ambientes configurados – são investidos de significados: **atribuição** e **apropriação**. Cada um desses mecanismos estaria ligado a uma instância e seria passível a relações bastante específicas.

Segundo o autor, a atribuição pertence à esfera da produção/distribuição de objetos, enquanto a apropriação diz respeito aos processos de consumo/uso. É completa: “os significados atribuídos no momento de produção/distribuição tendem a ser mais duradouros e universais do que aqueles advindos das instâncias múltiplas de apropriação pelo consumo/uso.”

Tal afirmação pode até funcionar com objetos – principalmente se estivermos falando de relações clássicas, tradicionais ou do tempo do “*hardware*”, da “*modernidade sólida*”, como nomeia Zygmunt Baumann<sup>14</sup>. Porém, quando estendemos tal definição para os espaços configurados pelos usuários, sobretudo os chamados “*pós-modernos*”, percebemos uma clara contradição: a grande maioria desses usuários subvertem as *funções* clássicas dos espaços (incluindo a forma tradicional de utilizar ou dispor os móveis/objetos), e nem mesmo aceitam completamente a tal *atribuição* das funções dadas a cozinhas e banheiros pelo arquiteto, ou estabelecidas anteriormente por outros usuários (se atribuir é função do produtor/distribuidor, Reidy seria o atribuidor primeiro, enquanto os “usuários anteriores”, aqueles que já configuraram o espaço anteriormente, seriam os atribuidores segundos, no nosso caso). E, quando ocorre a aceitação, o usuário deixa claramente explícito que só o fez por uma imposição/limitação qualquer – seja projetual, financeira, emocional, simbólica e, sobretudo, por imposição do proprietário, no caso de apartamento alugado.

Nos espaços que estavam livres de qualquer impedimento, a *atribuição* prévia é completamente rejeitada: encontramos algumas recorrências morfológicas em tais ambientes, porém na maioria dos arranjos ocorre uma re-significação dos valores,

---

<sup>13</sup> DENIS, Rafael Cardoso. *Design, cultura material e o fetichismo dos objetos*. In: *Arcos: Design, Cultura Material e Visualidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998 -Vol. 1

<sup>14</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. Cit.*

ou seja, a *atribuição* é feita pelo próprio usuário, através da expressão de sua subjetividade. Isto é, a partir do momento em que o sujeito resolve que um canto do seu apartamento agora é a sua área de estar, passará a receber seus amigos neste espaço, seja ele a sala, o quarto ou até mesmo seu banheiro – que o diga os “ricos e famosos” que elegeram seus *ofurôs*, até mesmo substituindo as piscinas e *home theaters* como mais novo centro de entretenimento e congregação.

Apesar disso, a *falta de espaço* também é um tema recorrente nos discursos e concordamos que ela é, em boa parte, condicionante dessas apropriações, por mais criativas que sejam; porém acredito que se pesquisa semelhante tivesse sido realizada nos amplos apartamentos do Leblon ou da Barra da Tijuca, muitas das soluções se repetiriam – ainda que com características e acabamentos diferenciados, já que estamos falando de públicos *economicamente* diferentes.

Mesmo que em seus discursos o espaço seja, geralmente, o condicionador da configuração espacial adotada, aparece também um sentimento de inconformismo por móveis, divisórias, cômodos ocuparem o espaço “*exatamente como deveriam ocupar*”, condicionando (e determinando) as suas atribuições, como podemos ver nos relatos que seguem:

“Um quarto e uma sala – não tem muito o que dividir. Cada lugar é como ele *tinha* que ser: a sala mais perto da cozinha, o quarto no fundo do apartamento”

(Luiz\*, 37 anos, técnico em Informática)

“Dividi o conjugado em dois quartos – um de casal e outro de solteiro -, e uma sala. O de casal é maior, o de solteiro é bem pequeno, por isso fiz a parede com uma grade em cima, para ventilar. *Escolhi* onde ficaria cada cômodo pela *lógica*, pois ela *determinou* onde ficaria cada coisa, principalmente pelo tamanho dos armários. Tento *mudar* sempre que posso a arrumação, tanto que os móveis que eu compro agora sempre são pequenos, pois facilita a organização.” - grifo nosso.

(Mônica\*, 37 anos, secretária)

Porém, ainda que assumam uma posição *determinista*, TODOS os sujeitos adotaram uma posição de escolha, de *atribuição*: ainda que o relato não seja explícito nas questões que dizem respeito à configuração espacial, em algum momento eles afirmam que *escolheram* as posições dos móveis, as funções adotadas nos cômodos ou as mudanças realizadas em prol de um maior aproveitamento do

\* Os nomes são fictícios, para resguardar a identidade dos entrevistados

espaço, melhoria de circulação, ou simplesmente o desejo de mudar a disposição das coisas no apartamento, para se sentir melhor.

O que pretendemos deixar claro é que a falta de espaço, devido a sua recorrência, é um fator de extrema importância – assim como a posição da janela, das portas, tomadas etc. -, mas não é o preponderante. A subjetividade, forjada a partir do imaginário, e expressa na morfologia que os ambientes assumem é, sem dúvida, o fator crucial nas configurações e atribuições de significados – e até mesmo nas apropriações – feitas pelos usuários.

Para concluir, temos um caso bastante significativo: encontramos em um dos apartamentos uma utilização bastante inusitada de uma máquina de lavar. A usuária utiliza o objeto não como eletrodoméstico, mas como uma “cômoda / penteadeira”. Para melhor entender tal situação, segue o relato da usuária:



Cômoda/penteadeira

“Ganhei a máquina de presente de casamento, mas não dá pra usar. A área de serviço fica no ultimo andar, lá não tem tomada, e eu tenho medo que roubem... Ela não cabe no banheiro e nós não pudemos quebrar a parede, porque o apartamento é alugado. Então, eu não ia jogar fora, nem devolver o presente, né? (sic) Aproveitei para guardar as roupas íntimas e fiz em cima minha penteadeira.”

(Sabrina\*, 26 anos, estudante universitária)

Fica bastante claro, após o exemplo acima, que a usuária *atribuiu* uma função ao eletrodoméstico, completamente diversa do que se esperaria de um eletrodoméstico – completamente inusitada, inclusive re-significando o objeto, que “deixa de ser” uma máquina de lavar roupas – eletrodoméstico, portanto -, para tornar-se uma cômoda/penteadeira – um móvel formal.

A alteração constante da configuração espacial surgiu em mais de um terço dos discursos registrados. A maior parte desses sujeitos afirma que muda sempre a arrumação, ou pensa em mudar assim que puder. Essa vontade aparece de forma velada até mesmo nos discursos daqueles que já não alteram a arrumação dos móveis há algum tempo, pois afirmam que gostaria de mudar a arrumação, caso fosse o proprietário do apartamento.

Muitos atestaram que foram fazendo tentativas de arrumação, até chegar ao ponto em que se encontram (apenas uma das entrevistadas afirmou estar contente com o espaço, que chamou de "seu mundo" - porém, até mesmo ela pontuou que levou tempo até alcançar esse "ponto de equilíbrio", onde o seu espaço corresponderia exatamente às suas necessidades).

Poucos foram os usuários que expressaram qualquer espécie de planejamento prévio para a configuração do ambiente; ou seja, é como se eles não pensassem anteriormente um formato ou arrumação que seu apartamento assumiria, depois de "pronto", e fossem arrumando um grande quebra-cabeça, para "ver como ele ficaria no final": uma cama aqui, um armário ali - que serve também como parede-divisória -, uma mesa acolá e, *voilà*: eis o meu apartamento.

Enfim, conseguimos observar que, apesar de variados, os relatos possuem características comuns, muitas vezes até mesmo *estruturas* comuns. Partem de uma "explicação" dos motivos segundo os quais o espaço assumiu essa característica, antes mesmo de descrever *como* é este espaço. Depois, no momento considerado propício para a descrição desse espaço, muitos adotaram uma posição *determinista* no relato - o espaço (ou a falta dele) teria condicionado a arrumação - ou então passiva - as coisas assumiram os lugares *que elas tinham que* assumir ou *tinham para* assumir, ainda que possamos afirmar que muitos desses espaços estejam muito mais relacionados com as características de *enlaçamento* ou *nó*, propostas por Vapperau.

### Enfim, o Imaginário

Dividir, adaptar, mudar, arrumar, organizar, ocupar, **lugar**. Palavras recorrentes, que foram utilizadas para expressar muito dos desejos, sonhos, medos, mitos, fantasias, símbolos e necessidades dos usuários entrevistados, *fragmentos* que coletamos para tecer a teia do imaginário dessas pessoas. Mapear esses sentimentos, localizar essas necessidades e descrever esse *Imaginário* sempre foi uma tarefa muito difícil, porém muito importante para os profissionais das ciências humanas. A nossa pesquisa é fruto de um objetivo grandioso, que é

"Primeiro eu fiz uma obra, onde construí as divisórias. Como meu marido trabalha com obras, fui juntando as coisas aos poucos, os materiais de construção. Então fiz uma sala e dois quartos, escolhendo o maior lado do apartamento para os quartos - onde tem a janela. O que sobrou virou sala. A cozinha foi aberta: fiz ela tipo cozinha americana, para ter mais espaço. Eu mesma escolhi tudo, trabalho numa loja de decoração, eu que fiz o desenho da planta. Inclusive o banheiro, que ficou o canto mais bonito da casa."

(Maria\*, 53 anos, vendedora).

## Enfim, o Imaginário

colaborar com tal empreitada, uma colaboração bastante gratificante, é importante ressaltar.

Vimos assim, que cada pessoa organiza e modela seu mundo, carregando-o de valores próprios, através de formas (que passam a ser normativas para os outros que o cerca), determinando o modo como o indivíduo avalia e, sobretudo, vivencia o espaço proposto por um projeto arquitetônico, ainda que ele desconheça a origem ideológica de tal projeto.

Modelar ou moldar o espaço – principalmente quando esse espaço é compartilhado - implica em combinar gostos, sentimentos, necessidades e usos. Se a *imagem* decorrente de tal “molde” pode ser considerada uma estrutura lingüística que se manifesta no plano do **simbólico**, ou seja, pode ser considerada como o modo de um sujeito ser e de agir no mundo, o uso define um fenômeno social, onde um sistema de comunicação se manifesta de fato e pode remeter, ainda que de forma inconsciente, ao uso de modelos (ou normas).

Assim, foi partindo da constatação de que o imaginário surge através das pequenas questões do dia-a-dia (resistências, transgressões, aceitações, limitações, imposições, anulações e outras tantas mais), somadas ao “caldo cultural” a que estão submersas todas as pessoas, que o usuário comum altera e atualiza objetos e ambientes, ao longo de sua existência - e da história da humanidade.

Enfim, vimos que o usuário constantemente se apropria (e re-apropria) dos espaços, significa-os (ou re-significa-os) a seu modo e escreve (ou re-escreve) a sua história nos espaços que configura, e o imaginário, portanto, auxilia na constituição do espaço (partindo sempre do indivíduo) e através da linguagem, pois, se ele assume a posição subjetiva que indicamos, ele o faz por intermédio da linguagem - instância primeira da subjetividade, de onde partem todas as outras aquisições feitas pelo homem, e também todas as relações de interação com tudo aquilo que o cerca – os objetos, tapetes, tecidos, mobiliário, cortinas, e tudo o mais que constitui o espaço, e que se relaciona com o objetivo cênico do configurador do espaço – o próprio usuário.

Sobretudo por utilizarmos a linguagem como ferramenta primordial para a constituição de tudo aquilo que foi colocado, uma vez que aqui



apresentamos, na verdade, diversos tipos de discursos (quer orais - as "falas" dos entrevistados - quer pictóricos - as fotografias), cuja análise à luz dos autores citados (que também se constituem como discursos particulares) não teria sido possível se não passasse através do imaginário.

Ao mesmo tempo em que é objeto físico, o objeto arquitetônico é o suporte de significações, matéria portadora de sentido, elemento significante. Deste ponto de vista, a arquitetura é uma linguagem, e as Ciências Humanas contribuem para esclarecer as relações entre essa "vontade ordenadora" e a funcionalidade em contraposição à configuração do usuário comum, ainda que esta tenha muitas vezes características tão ou mais impositivas que a própria arquitetura modernista (o fato de ter que "servir para" algo ou alguma coisa).

Assim, não se trata somente de impor uma ordem, de "organizar", de dispor as coisas segundo uma certa lógica funcional e depois lhe dar um "tratamento estetizante", ou caráter de significação. No contexto em que estamos falando, a elaboração arquitetônica consiste na configuração do espaço, seja pela delimitação de suas bordas, ocupação dos espaços vazios, uma montagem de elementos, ou uma (re)construção, que significa se ocupar de modelar alguma coisa que não é, necessariamente, nem interior nem exterior, senão tão somente, e precisamente, um ambiente, ainda que este seja configurado num espaço primeiramente público - um corredor -, que assume a característica de ambiente particular, comandados pela intencionalidade subjetiva (articulada ao desejo e ao imaginário), que deve se sobrepôr à demanda, isto é, à funcionalidade.

Conclusões preliminares têm apontado como possibilidade interessante a substituição da rigidez do modelo convencional pela flexibilidade de espaços reconfiguráveis. Trabalhos desenvolvidos por grupos de pesquisa, como o *Nomads.usp*, buscam mapear esta flexibilidade no uso dos espaços, seja através da sobreposição ou justaposição de funções e recorrência de configurações, em diversos elementos: divisórias, mobiliário, equipamentos, componentes construtivos, em prol de ampliar tais conceitos e potencializar seus usos na configuração do espaço doméstico.

Finalmente, como última observação, queremos lembrar que diversos autores que

abordaram em suas pesquisas os "novos espaços de habitar", apontam para a potencialização da esfera coletiva dos edifícios, minimizando o espaço estritamente privado do apartamento. Isto significa que diversas atividades estariam passando a ser desenvolvidas nas áreas comuns dos edifícios, o que ficou bastante demonstrado a partir dos discursos dos usuários que ouvimos no campo.

Para concluir, um posicionamento final: temos consciência de que, ao estabelecermos Figuras Conceituais e demais categorizações, estamos procedendo em uma *interpretação* de dados – discurso e imagens – e que, por mais que tenhamos nos esforçado ao longo do levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e análise dos dados na busca de informações “verídicas”, “comprovadas” e “objetivas”, a nossa subjetividade também permeia esse trabalho, influenciando nas escolhas – sobretudo as incorporações ou exclusões identificadas.

## Bibliografia

- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BACHELARD, G., *A Poética do Espaço*, São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 1972.
- BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1997 - 3ª. ed.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BECKER, Ulrich. *Who “makes” the new values? Changes in values and styles everyday Esthetics*. In: *Erkundungen (Explorations): Catalog of the International Design Congress and Exhibition in Stuttgart*, 1986.
- BLAY, Eva Alterman. *Habitação: A política e o habitante*. In: BLAY, Eva Alterman et. alii. *A luta pelo espaço: textos de Sociologia urbana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979 - 2ª ed.
- BOMFIM, Gustavo Amarante. DA-RIN, Sílvio. *Equipamento mobiliário para famílias de baixa renda*. Trabalho de formatura apresentado à Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI. Rio de Janeiro: 1975.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974
- DA POIAN, Carmen. *Inquietações contemporâneas: formas do vazio*. Conferência proferida em 5 de Abril de 2000, na abertura do Ciclo de Debates "Inquietações Contemporâneas, promovido pelo Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

# bibliografia

- DEL RIO, Vicente. DUARTE, Cristiane R. RHEINGANTZ, Paulo A. *Projeto do lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/PROARQ, 2002.
- DENIS, Rafael Cardoso. *Design, cultura material e o fetichismo dos objetos*. In: *Arcos: Design, Cultura Material e Visualidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998 -Vol. 1.
- ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FERRY, Luc. *Homo Aestheticus: A Invenção do Gosto na Era da Democracia*. São Paulo: Ensaio, 1994.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GUIMARAENS, Dinah. CAVALCANTI, Lauro. *Arquitetura Kitsch suburbana e rural*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.
- HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1986.
- JACQUES, Paola Berenstein. *The Aesthetics of the favela: the case of an extreme*. In: *Transforming cities, design in the favelas of Rio de Janeiro*. Londres: AA Publications, 2001.
- JAMESON, Fredric. *Espaço e Imagem*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1995;
- KRIPPENDORF, Klaus. *On the Essential Contexts of Artifacts or On the Proposition that 'Design is Making Sense (of Things)*. In: MARGOLIN, Victor. BUCHANAN, Richard. *The Idea of Design: A Design Issues Reader*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- LACAN, Jacques. "Estádio do Espelho" ([1949] 1953). *Escritos*; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. *Ensaio sobre a razão compositiva*. São Paulo: UPV/AV., 1995.
- MOLLES, Abrahan. *O Kitsch: a arte da felicidade*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Teoria dos Objetos*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981.
- MONTANER, Josep Maria. *A Modernidade superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- MONTENEGRO, Luciana. *Hot-dog no fogão de lenha: Inovações transformando o gosto carioca*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Artes e Design, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2001.
- NETTO, J. Teixeira Coelho. *A construção do sentido na arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1999 - 4ª. ed.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria et all. *Questões Metodológicas sobre a Análise de Discurso*. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, 1989, V. 4, n. 1/2, p. 103-108.
- PREISER, Wolfgang F. E. ... [et alii]. *Post Occupancy Evaluation*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1988.
- PORTINARI, Denise. *O discurso da homossexualidade feminina*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1986.
- REIDY, Affonso Eduardo. *Projeto e pesquisas Solar GrandJean de Montigny – Centro Cultural da PUC-Rio*. Rio de Janeiro: Editora Index Promoções Culturais, 1985
- RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social; métodos e técnicas*. São Paulo, Atlas, 1999 – 3ª ed.

- RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: Pequena história de uma idéia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SANTOS, Milton. *O Espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.
- SEVCENKO, Nicolau. NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SOMMER, Robert. *Espacio y comportamiento individual*. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1974.
- SUDSILOWSKY, Sérgio. *Entre a Razão e o Senso Comum: uma análise morfológica do espaço da Arquitetura Moderna através do discurso de quem a habita*. Rio de Janeiro: Dissertação apresentada ao Mestrado em Design do Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, defendida em março de 2003.
- \_\_\_\_\_. *Senso Comum: a Arquitetura vista pelos olhos de quem a habita*. Artigo apresentado ao I Simpósio do LaRS.2002 - "O Outro". Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Laboratório de Representação do Sensível, 2002.
- VALLADARES, Lúcia Prado. *Passa-se uma casa: Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S. A., 1978.
- VALLADARES, Lúcia Prado. SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. et. alii. *Habitação em Questão*. Rio de Janeiro: Zahar Editores S. A., 1980.
- VASELLI, Paolo Maffesoli. *Echange et projets: tempo industrial e tempos individuais*. In: DE MAIS, Domenico. *A Sociedade Pós-Industrial*. São Paulo: Editora SENAC, 1999 - 2ª. ed.
- VAZ, Lilian Fessler. *Modernidade e Moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro – séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- VENTURI, Robert. *Complexidade e contradição em arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- VERÍSSIMO, Francisco Salvador. BITTAR, William Seba Mallmann. *500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999 - 2ª Ed.
- ZEISEL, John. *Inquiry by Design: Tools for environment-behavior research*. Califórnia: Brooks/Cole, 1981.

#### Revistas e sites:

Revista Imaginário. *Entrevista: Profª Drª Marlyse Meyer*. In: Publicação do Núcleo de Estudo Interdisciplinar do Imaginário e Memória da USP – NIME-USP. São Paulo, nº 3, 1996. (p. 7-29).

<http://www.eesc.usp.br/nomads/> - **Nomads** - Núcleo de Estudos sobre Habitação e Modos de Vida, da Universidade de São Paulo – 2002

<http://www.vitruvius.com.br/> - Revista Virtual de Arquitetura Vitruvius, Seção de *Arquitextos*.